

## A POTÊNCIA DE UM CORPO COLETIVO EM MEIO ÀS TRANSGRESSÕES INDIVIDUAIS

Rayrane Melyssa Lima Aragão<sup>1</sup>  
Renatha Evelyn Lima Aragão<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a maneira como um corpo coletivo potencializa as suas transgressões individuais. Pois, entendemos que elas carregam dentro de si posicionamentos ideológicos de forte cunho social, político, identitário e cultural. Neste sentido, temos nos processos de resistência desse corpo um dos norteadores desse artigo, no que tange a reação dele às imposições não democráticas advindas de uma sociedade contemporânea e capitalista. Como caracterização desse fenômeno, nós trabalhamos com uma análise de como a escolha de determinadas roupas podem ser utilizadas como instrumentos transgressivos. E para isso, exemplificaremos como o vestuário pode contribuir, por meio da moda sem gênero, a expressabilidade e a resistência de um corpo transgressor e político. A coleta de dados e descrição de termos e conceitos neste artigo, possibilitou para a construção teórica-prática da performance de mesmo nome, que consigo traz a reflexão sobre que tipo de reconhecimento, o corpo individual, atribui ao corpo coletivo, no contexto transgressor.

**Palavras-chave:** corpo, individualidade, coletividade, transgressão, vestuário.

### INTRODUÇÃO

Este artigo analisa a potência que um corpo coletivo traz para as transgressões individuais, objetivando apresentar essa potencialidade como uma característica transgressora de forte atitude/participação política-democrática nas desconstruções de paradigmas sociais e culturais da atual sociedade brasileira.

Além disso, objetiva-se estudar, na prática, o corpo, a individualidade e o corpo coletivo contextualizados no âmbito das transgressões, tomando o ato de vestir como o norte para examinar a relação estabelecida entre o corpo coletivo e o indivíduo, levando em consideração a performatividade de Judith Butler.

Sendo assim, analisando a participação de um corpo coletivo nas transgressões individuais, propõe-se, como efetivador da potencialidade transgressora, o reconhecimento de um corpo coletivo para com as transgressões individuais, a partir de um processo de conscientização de corpo. Sendo assim, este trabalho de pesquisa resultou na construção de uma performance que será explicitada ao longo deste artigo.

---

<sup>1</sup> Graduanda na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa - Paraíba, Licenciatura plena em Dança, heyray04@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduanda na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), João Pessoa - Paraíba, Bacharelado em Relações Internacionais, renathaev@gmail.com;

## METODOLOGIA

O trabalho baseia-se em uma análise bibliográfica de conceitos como o corpo e o gênero, como Katz em *Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo*, Novaes em *O intolerável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos*, e Butler *Actosperformativos e constituição de gênero*.

Partindo da hipótese que a potencialidade do corpo coletivo engendra transgressões que permeiam e transitam, assim, entre o campo individual e o coletivo. E para isso, nós utilizamos como referencial teórico textos que abordam o corpo e a questão da constituição de gênero nas teorias de Judith Butler. Como resultado dessa análise, construímos uma proposta artística performática que norteou-se à partir da temática do vestuário, perpassando pela ideia da moda sem gênero e buscando intercalar os termos, gênero e vestuário com conceitos como corpo, coletividade, individualidade e transgressão.

Nessa performance utilizamos a dança como elemento linguístico, e para isso atribuímos uma sequência coreografada de dois corpos femininos. Além da dança, a performance utilizou-se da projeção de uma produção audiovisual, de autoria própria que se conecta com a sequência da dança presencial. No videodança, há a participação de pessoas transsexuais, homossexuais, não-binárias e heterossexuais que realizaram sequências coreográficas projetadas em imagens corporais.

Com o intuito de promover reflexões sobre o reconhecimento dado para um corpo coletivo e às (micro) transgressões individuais. Optamos por representar, no contexto performático, pela ação de escolha e apropriação de vestuários, como saias, calças, vestidos e sutiãs. A performance teve duração de 12 minutos e nela utilizou-se um projetor, dois bancos/cadeiras, além da utilização de duas caixas de som.

## DESENVOLVIMENTO

(...) o corpo não é apenas matéria, mas uma contínua e incessante materialização de possibilidades. Não somos simplesmente um corpo, mas, num sentido verdadeiramente essencial, fazemos o nosso corpo, e fazemo-lo diferentemente tanto dos nossos contemporâneos como dos nossos antecessores e sucessores (BUTLER, 2011, p.72).

Para analisarmos o corpo coletivo e as transgressões individuais, partimos da noção de um corpo relacionada a sua totalidade, a sua construção que é intrínseca a sua subjetividade relacionando-se diretamente com o espaço. Segundo Katz (2008), sendo o corpo um “trânsito dos acordos feitos com os ambientes”, ele “é sempre singular e único”. No entanto, o individualismo, a partir da modernidade, como aponta Novaes (2006), apud Le Breton (1990, p.51), resulta no "(...) descolamento do indivíduo do todo comunitário, causando no indivíduo um sentimento de 'si mesmo' antes de se sentir membro de uma comunidade”.

Nas sociedades do tipo tradicional, o corpo é um lugar e um tempo indispensável da pessoa. A existência de cada um se funde na sua inerência ao grupo, ao cosmos, à natureza. (DANIELS *apud* NOVAES, 2006, p. 53).

É através desse descolamento do corpo individual com o corpo coletivo que se tem percebido o distanciamento da humanidade para com os valores tradicionais de

solidariedade, cooperatividade e coletividade, pois na modernidade aos valores estão sendo atribuídas imagens borradas que valorizam e desprezam coisas determinadas pelos interesses de um grupo de maior poder aquisitivo.

Como ainda mostra Novaes (op. cit.), entrelaçado a privatização do corpo insere-se um novo elemento: a falta de importância dada ao coletivo. Isso resultaria na priorização do indivíduo diante de sua comunidade. A falta de importância ao coletivo, priorizando-se o indivíduo antes de sua comunidade é análoga a irrelevância dada ao corpo e é percebida na fragmentação das partes do corpo, resultando no "elemento do pudor".

Assim, com o afastamento do indivíduo para com o coletivo, e a perda, com isso, de valores e sentimentos de comunhão, o corpo desse indivíduo passa a não ser visto mais em sua totalidade, e muitas de suas funções e características são encaradas com objeção. Passando-se a desfigurar o corpo, e instituir padrões e características específicas, além da formulação de imagens desvinculadas da realidade.

Prioriza-se que para “qualquer traço involuntário ou que demonstre sua origem na coletividade é imediatamente depreciado e rejeitado socialmente.” (NOVAES, 2006, p.54), pois como ocorre a supervalorização do indivíduo em detrimento do coletivo, a individualidade passou a ser sinônimo de individualismo. E mais precisamente, observa-se que “a institucionalização de um modelo de corpo, seja ele qual for, será sempre um exercício de poder na fabricação de corpo doces” (KATZ, 2008, p. 73).

Diante de uma realidade contemporânea e capitalista, os significados, sentidos e funcionalidades do corpo humano chegaram a se resumir em uma imagem de corpo, que acabou sendo editada e manipulada para enquadramentos e construções de identidades financiadas por um sistema que prioriza majoritariamente valores individualistas.

Para que um corpo coletivo, ou seja um grupo de indivíduos, seja capaz de reconhecer sua coletividade, para que assim ocorra a potencialidade das transgressões individuais, é imprescindível que, primeiramente, estejam impregnados a ele princípios cooperativos, solidários e assim democráticos. Entretanto, encontra-se na modernidade um grande problema: o individualismo. Sendo esse problema constantemente implantado pelos meios de comunicação e até educacionais.

Ignorantes aprendidos ou ignorâncias sistemáticas das relações concretas; fanatismos organizados; tradições dogmáticas que socialmente são rigidamente intolerantes e que intelectualmente institucionalizam sistemas paranóicos; idealizações que em vez de serem significativas de imediatos prazeres, segregam o homem da natureza e dos seus companheiros. (DEWEY *apud* BARALDI, 2013).

Entretanto, para que impedimentos atuais como o próprio individualismo e a indiferença por parte de uma maioria da comunidade não prevaleça, o reconhecimento de um corpo coletivo para com as transgressões individuais, pode ser conduzida por meio da conscientização desse corpo. E, para que o corpo possa se reconhecer na sua coletividade, é possível afirmar a necessidade, a princípio, dele se conhecer como individualidade, antes de reconhecer o outro.

Como explica Bendassolli (2012) quando cita Hegel e Honneth, a definição do reconhecimento está relacionada a “um processo intersubjetivo de constituição progressiva da identidade, no marco de sucessivas e cada vez mais complexas formas de socialização”. Para Hegel, o reconhecimento media entre “o particular” e “o universal”,



de tal forma, envolvendo uma “reflexividade da autoconsciência com a alteridade no contexto das estruturas normativas da sociedade” (BENDASSOLLI, 2012, p 39).

A partir do processo de conscientização do corpo, o indivíduo é capaz de entender, por meio de sua própria experiência e consciência, que é igual a outros corpos. Ao compreender-se enquanto um corpo completo em seu plano sagital, esse corpo pode se situar enquanto um corpo que compartilha das mesmas predisposições emocionais e intelectuais de outros corpos.

Assim, a partir disso, vai sendo construída uma relação próxima de si. A escuta volta a ser reconhecida e a visão deixa de ser supervalorizada. E é com essa conscientização que o ser e o corpo são considerados inseparáveis, que se adquire potencialidades subjetivas que impulsionam a ação do indivíduo dentro da sociedade. Logo, quando o ser passa por esse processo de conscientização, o "corpo, por si só, sabe através da consciência, ser portador de energia, disponibilidade e atenção interior - um saber próprio dele" (TEIXEIRA, 2008, p 46).

Então, os corpos individuais integrantes de um único corpo coletivo passam a ser protagonistas de sua expressão, ação e pensamento, resistindo a imposições não democráticas, que o fazem defender e se posicionar a favor de transgressões de outrem. Esse movimento é significativo para a manutenção política e os avanços sociais, operando para que o direito de fala desse corpo seja respeitado. Podemos dizer que ocorreriam reconhecimentos individuais para com o corpo coletivo, corroborando para a reivindicação do cumprimento de leis que garantam o direito da livre forma de expressão e posicionamento social, sexual, e político.

A roupa, que a princípio surgiu pela necessidade de proteção/abrigo, mas também pela exibição de poder já que "o homem criou hábitos de pintar ou fazer uso de indumentárias confeccionadas com peles de animais para expressar seu desejo de poder e exibição", adquiriu outras fortes funcionalidades modernas, como a de expressibilidade. “A moda é uma linguagem simbólica que ultrapassa a função de proteção para significar o indivíduo na sociedade, é uma espécie de identidade que fala de sua condição e/ou opções social, profissional e sexual.” (ALMANDRADE, 2010).

Assim sendo, na atualidade conseguimos reconhecer os múltiplos sentidos e significados do vestuário que foram sendo atribuídos, no contexto em que muitas opções estão sendo disponibilizadas pelo comércio. Porém, engana-se quem pensa que há uma verdadeira liberdade de escolha para com as vontades e a confortabilidade do sujeito em vestir-se, pois temos uma sociedade muito conservadora.

Pode-se observar ainda os resquícios de um passado de opressão para com o corpo, principalmente em regiões sexualizadas, como os seios das mulheres. O sutiã, criado em 1914 (ALVES; MARTINS, 2018, p 469), era uma peça cuja funcionalidade era a proteção física e também aos olhares masculinos que frequentemente sexualizavam essa parte do corpo.

Essa questão dos sutiãs se mostra evidenciada no histórico ato transgressor da queima dos sutiãs, ocorrido nos Estados Unidos em 1968 (CAVALCANTI, 2013, p 26). Onde ativistas do movimento WLM (Women’s Liberation Movement) realizam um protesto, que até hoje é criticado e/ou lembrado como ação de rebeldia de feministas. Casos como esses, em que transgressões são vistas como exibição ou, pior, dramatização, alertam um problema grave da sociedade: o de ignorar e julgar prévia e instantaneamente ações afirmativas sem estudo das argumentações e fundamentações.

Também se ignoram o potencial de possíveis mudanças na comunidade por meio do reconhecimento dessas transgressões. Porém, a questão não é tão simples assim, há uma gama de fatores que alimentam um sentimento de raiva e violência de pessoas e grupos, distanciando a humanidade de sentimentos como a empatia e

solidariedade. Fatores religiosos, sociais e culturais que fazem parte de uma organização de vários segmentos que envolvem valores isolados para a submissão e o controle dos corpos.

Estamos na sociedade do professor-juiz, do médico-juiz, do educador-juiz, do ‘assistente-social’-juiz; todos fazem reinar a universalidade do normativo; e cada um no ponto em que se encontra, aí submete o corpo, os gestos, os comportamentos, as condutas, as aptidões, os desempenhos. (FOUCAULT *apud* BRIGHENTE; MESQUIDA, 2011, p 2401).

E para além desses corpos que viram “vigias”, é possível reconhecer o controle que parte do espaço, como quando Araújo (2001) descreve o controle sendo um enquadramento de pessoas, a partir de um “padrão de normalidade”, e “observar aqueles que se desviam, valendo para hospitais, escolas, administração pública e empresas privadas”. E quando ocorrem infrações, sejam elas quais forem, há também os espaços para punição e correção, “numa constante prática de saber e poder.” (BRIGHENTE; MESQUIDA, 2011, p 2401).

Associando a construção do corpo a partir desses demais fatores sociais, correlaciona-se com a teoria de Judith Butler acerca da constituição de gênero, em que afirma a autora ser pautada pela performatividade.

Assim gênero é constituído por uma série de ‘atos’ repetitivos ao longo do tempo, pois quando eu digo, eu estou fazendo alguma coisa também, essa construção de gênero e sexualidade se dá pela repetição desses discursos, assim cria o gênero e não algo que um sujeito criou individualmente para si mesmo. Portanto, a identidade de gênero é instituída através da repetição estilizada de atos performativos, e gênero é formado por esta estilização do corpo, ou seja, você teatraliza, através de gestos corporais, falas, movimentos, os papéis e as encenações, dando a sensação de um gênero estabelecido, que está em constante transformação. (HADDAD e HADDAD, 2017).

Sendo assim, Butler se comunica com Beauvoir, quando “reforça que o gênero é construído, não por um “eu” ou por um “nós” necessariamente. A estrutura binária dos gêneros está moldada numa relação de poder, que nem é percebido” (HADDAD e HADDAD, 2017).

Tomando as três principais autoras citadas no desenvolver deste artigo, Katz, Novaes e Butler, percebe-se a constante contestação, não só, do papel, mas, da participação do meio social e do corpo coletivo na constituição e/ou construção de entendimentos sobre o corpo e o gênero.

Afinal, com esse entendimento de construção do corpo, os códigos sociais trazem consigo a possibilidade de transgressão.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Parte da proposta performática foi unicamente apresentada pela dupla em 10 de setembro de 2019, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), para a avaliação de um componente curricular, do curso de Licenciatura em Dança, Teoria do Movimento Corporal, orientada pela Professora/Coordenadora Candice Didonet.



Figura 1



Fonte: arquivo pessoal

Figura 2

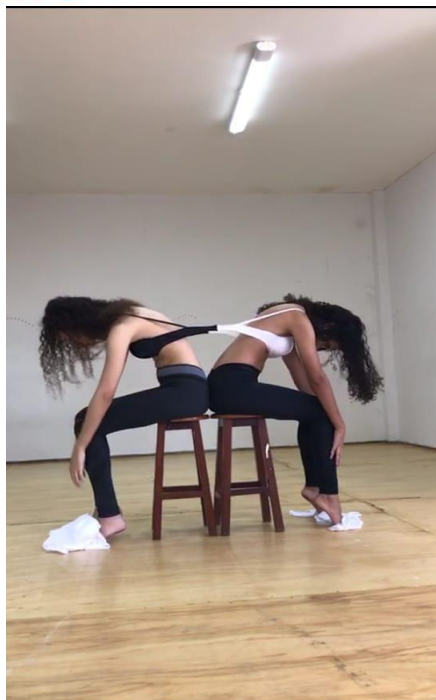


Fonte: arquivo pessoal.

Figura 3

[Digite texto]





Fonte: arquivo pessoal.

Além da apresentação da proposta coreográfica da dança apresentada na sala de aula, ocorreu uma roda de conversas onde foram expostas impressões e atribuições pessoais da turma de Licenciatura em Dança (2018.2), e da professora e proponente da avaliação, segundo alguns parâmetros como a escolha de abordagem de um tema e a articulação do corpo em cena com as referências teóricas.

Nas discussões da roda de conversa depois da apresentação, ficou explícito a proposta do uso do vestuário (no caso, dos sutiãs) como instrumento de pesquisa em busca de entendimentos de imagens de corpo, de identidade e de construção social de conceitos e das próprias imagens corporais. Além também, da unanimidade de se compreender as relações indissociáveis entre o corpo e a coletividade, a unidade individual para com a unidade coletiva, virse e versa.





Figura 4



Fonte: arquivo pessoal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo foi resultado de uma breve investigação de teóricas que falam sobre o corpo, a individualidade e coletividade, e também sobre corpos que transgridem tendo como viés a busca de um entendimento sobre qual seria o papel do reconhecimento de um corpo coletivo. O material bibliográfico coletado e organizado nesse artigo foi traduzidos em forma de performance artística poética, que fundamentada no uso da dança e da produção audiovisual como ferramenta de análise de um contexto sociocultural.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Actosperformativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista.** In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). *Gênero, cultura visual e performance. Antologia crítica.* Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011

KATZ, Helena. **Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo,** Ana Cláudia de Oliveira e Khatia Castilho, organizadoras - Barueri, SP. Estação das Letras e Cores Editora, 2008.

NOVAES, Joana de Vilhena, **O intolerável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos** - Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Garamond, 2006.





BARALDI, Sandro Adrian. **Dewey: A educação como instrumento para a democracia.** Dissertação de mestrado - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013

BENDASSOLLI, Pedro F. **Reconhecimento no trabalho: perspectivas e questões contemporâneas.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 17, n. 1, p. 39, 201

TEXEIRA, Letícia Pereira, **Inscrito em meu corpo: uma abordagem reflexiva do trabalho corporal proposto por Angel Vianna,** Mestrado em Teatro - Programa de Pós-graduação em Teatro, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

ALMANDRADE, Antônio Luiz M. Andrade, **A evolução da roupa na cultura ocidental,** disponível em <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/11.039/3712> último acesso em 07/10/19.

ALVES, Pereira Rosiane; MARTINS, Laura Bezerra, **O Sutiã e Seus Precursores: uma análise estrutural e diacrônica.** Estudos de Tendências e Branding de Moda v. 11, n 22, Moda Palavra e Periódico / Variata - 2018.

CAVALCANTI, Christiane Villela, **A moda de luxo e a mulher em uma capital brasileira.** Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013

BRIGHENTE, Miriam Furlan; MESQUIDA, Peri, **Michel Foucault: corpos dóceis e disciplinados nas instituições escolares.** X Congresso Nacional de educação - EDUCERE, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Curitiba, 201

HADDAD, Maria Irene Delbone; HADDAD, Rogério Delbone, **JUDITH BUTLER: PERFORMATIVIDADE, CONSTITUIÇÃO DE GÊNERO E TEORIA FEMINISTA** - V Seminário Internacional Enlaçando sexualidades, 2017.